

como meio de autopromoção e, de fato, usou-o para tornar pública a revolução da ser o inventor do telescópio. Também, naquela época, a tipografia tornou disponível uma grande variedade de textos clássicos úteis, que os estudiosos medievais não conheciam ou a eles não tinham acesso. Em 1570, por exemplo, foi lançada a primeira tradução inglesa de Euclides

No final do século dezesseis, não só Euclides mas também textos de astronomia, anatomia e física estavam à disposição de quem soubesse ler. Bem como novas formas de literatura: A Bíblia. Documentos comerciais. Conhecimento prático sobre máquinas, agricultura e medicina. No transcorrer do século um ambiente simbólico inteiramente novo tinha sido criado. Esse ambiente encheu o mundo de novas informações e experiências abstratas. Exigia novas habilidades, atitudes e, sobretudo, um novo tipo de consciência. Individualidade, enriquecida capacidade para o pensamento conceitual, vigor intelectual, crença na autoridade da palavra impressa, paixão por clareza, seqüência e razão — tudo isto passou para o primeiro plano, enquanto o oralismo medieval retrocedia.

O que aconteceu, simplesmente, foi que o Homem Letrado tinha sido criado. E ao chegar, deixou para trás as crianças. Pois, no mundo medieval, nem os jovens nem os velhos sabiam ler e seu interesse era o aqui e agora, o "mediato e local," como disse Mumford. É por isso que não havia necessidade da idéia de infância, porque todos compartilhavam o mesmo ambiente informacional e, portanto, viviam no mesmo mundo social e intelectual. Mas, quando a prensa tipográfica fez a sua jogada, tornou-se evidente que uma nova espécie de idade adulta tinha sido inventada. A partir daí a idade adulta tinha de ser conquistada. ~~Tornou-se uma tarefa simbólica e não biológica.~~

Os primeiros cinquenta anos da prensa tipográfica são chamados de *incunábulo*, literalmente, o período do berço. No momento em que o prelo saiu do berço, a idéia de infância ocupou-o e seus próprios incunábulo duraram cerca de duzentos anos. Depois dos séculos dezesseis e dezessete reconhecemos que a infância *existia*, que era uma característica da ordem natural das coisas. Ao escrever sobre os incunábulo da infância, J.H. Plumb observa que "cada vez mais a criança se tornou objeto de respeito, uma criatura especial, de outra natureza e com outras necessidades, que precisava estar separada e protegida do mundo adulto." "Separação é, naturalmente, a palavra-chave. Ao separarmos as pessoas umas das outras, criamos *classes* de pessoas, das quais as crianças são um exemplo histórico e humanitário. Mas Plumb entende isto de trás para diante. As crianças não foram separadas do resto da população porque acreditava que tivessem uma "outra natureza e outras necessidades". Acreditava-se que tinham outra natureza e outras necessidades porque tinham sido separadas do resto da população. E foram separadas porque passou a ser essencial na sua cultura que elas aprendessem a ler e escrever, e a ser o tipo de pessoa que uma cultura letrada exigia.

Naturalmente não estava muito claro no início o que a leitura e a escrita poderiam fazer ou fariam às pessoas. Como se podia

POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

instrução primária das crianças locais.⁸ Um levantamento feito por W. K. Jordan revela que em 1480 havia 34 escolas na Inglaterra. Em 1660 havia 444, uma escola para cada 4.400 pessoas, aproximadamente uma escola a cada 19 km.⁹

Três tipos de escolas se desenvolveram: as escolas elementares, que ensinavam a ler, escrever e contar; as escolas que ensinavam matemática, composição inglesa e retórica; e as escolas secundárias, que preparavam os jovens para as universidades e os cursos de Direito, ensinando-lhes gramática inglesa e linguística clássica. Shakespeare frequentou uma escola secundária em Stratford e sua experiência ali o incitou a expressar um célebre protesto (por ter sido provavelmente obrigado a ler a *Latin Grammar* de Lyly). No *Henrique VI*, Parte II, Shakespeare escreveu:

Do modo mais desleal corrompeste a juventude do reino ao ensinar uma escola secundária ... Será provado, na tua cara, que tens à tua volta homens que habitualmente falam em substantivos, verbo e outras tantas palavras abomináveis que nenhum ouvido cristão suporta ouvir.

Mas a maioria dos ingleses não concordava com Shakespeare que a criação de escolas corrompia a juventude do reino. De fato, os ingleses nem mesmo se opunham a mandar mulheres para a escola: a educação gratuita oferecida em Norwich estava ao alcance das crianças de ambos os sexos. E embora se deva entender que o ensino escolar era em grande parte uma preocupação das classes média e alta, há evidências de que mesmo nas classes pobres algumas mulheres sabiam ler:

Mas, é claro, os homens eram muito mais numerosos. De 204 homens, que, embora réus primários foram condenados à morte pelos juízes de Middlesex entre 1612 e 1614, 95 deles invocaram o "benefício de clérigo", o que significava que podiam enfrentar o desafio de ler uma frase da Bíblia e, portanto, ser poupados da

força.¹⁰ Conclui o Professor Lawrence Stone que, se quarenta e sete por cento dos grupos criminosos sabiam ler, a taxa de alfabetização na totalidade da população masculina deve ter sido muito mais alta (Evidentemente é possível que os "grupos criminosos" fossem muito mais espertos do que supõe o professor Stone e que aprender a ler figurasse no alto de suas prioridades).

Em todo caso, as taxas de alfabetização são difíceis de estabelecer com precisão. Sir Thomas More estimou que em 1533 mais da metade da população sabia ler uma tradução inglesa da Bíblia. A maioria dos estudiosos concorda que esta estimativa é alta demais e se fixou num índice (para homens) em torno de quarenta por cento, no ano de 1675. Mas uma coisa é subida: no ano de 1642 foram publicados mais de 2000 panfletos diversos. Em 1645 foram lançados mais de 700 jornais. Entre 1640 e 1660 o total combinado de panfletos e jornais era de 22.000.¹¹ É possível que nos meados do século dezessete fosse correta esta afirmativa: "A Inglaterra era em todos os níveis a sociedade mais alfabetizada que o mundo já conheceu."¹² Certamente no início do século dezessete seus líderes políticos eram instruídos. O que, aparentemente, também era o caso da França. Na Inglaterra o último analfabeto a ocupar um alto cargo foi o primeiro conde de Rutland. Na França, foi o conde de Montmorency.¹³ Embora o estágio da alfabetização na França (quer dizer, o desenvolvimento de escolas) estivesse defasado em relação ao da Inglaterra, em 1627 havia aproximadamente 40.000 crianças sendo educadas na França.

Tudo isto ocasionou uma mudança notável no estatus social dos jovens. Como a escola se destinava a formar adultos instruídos, os jovens passaram a ser vistos não como miniaturas de adultos, mas como algo completamente diferente: adultos ainda não formados. A aprendizagem na escola identificou-se com a natureza especial da infância. "Grupos etários ... são organizados em torno das instituições", observa Ariès. E assim como no século dezoenove a adolescência passou a ser definida pelo alistamento militar obrigatório, nos séculos dezessete e dezesseite a

começou a aparecer em 1744, quando John Newbery, editor londrino, imprimiu a história de Jack, o Assassino Gigante. Em 1780, muitos autores profissionais já tinham voltado sua atenção para a produção de literatura juvenil.²¹

Quando o modelo da infância tomou forma, o modelo da família moderna tomou forma também. O acontecimento essencial na criação da família moderna, como Ariès enfatizou, foi a invenção e depois expansão da escolarização formal.²² A existência social de que as crianças fossem formalmente educadas por longos períodos levou a uma reformulação do relacionamento dos pais com os filhos. Suas expectativas e responsabilidades tornaram-se mais sérias e mais numerosas quando os pais passaram a ser tutores, guardiães, protetores, mantenedores, punidores, árbitros do gosto e da retidão. Eisenstein nos dá uma outra razão para esta evolução: "... Uma interminável torrente de literatura moralizante penetrou na privacidade do lar ... A 'família' foi encarregada de novas funções educacionais e religiosas."²³ Em outras palavras, com livros oferecidos tanto na escola como no mercado sobre todos os tópicos imagináveis, os pais se viram forçados a viver os papéis de educadores e teólogos e tiveram de se preocupar com a tarefa de fazer de seus filhos adultos instruídos e tementes a Deus. A família como instituição educacional começa com a tipografia, não só porque a família tinha que assegurar que as crianças recebessem educação na escola, mas também porque tinha que proporcionar uma educação suplementar em casa.

Mas aconteceu à família algo mais que dizia respeito ao conceito de infância e que não deve ser negligenciado. Na Inglaterra, para tomarmos o exemplo mais óbvio, surgiu uma classe média visível e florescente, pessoas com dinheiro e o desejo de gastá-lo. De acordo com F.R.H. Du Boulay, eis o que faziam com ele: "Investiam em casas maiores, com mais quartos para a privacidade, em retratos seus e de suas famílias e nos filhos por meio de educação e vestuário. O excelente em dinheiro tornou possível usar as crianças como objetos de consumo conspicuo" [grifo meu].²⁴

58

O que Du Boulay quer que levemos em consideração aqui é que uma melhora da condição econômica propiciou a intensificação da consciência no que toca às crianças e as tornou mais visíveis socialmente. Assim como é bom lembrar que os meninos foram, de fato, a primeira categoria de pessoas especializadas, devemos também lembrar que eles eram os meninos da classe média. A infância começou indiscutivelmente com uma idéia de classe média, em parte porque a classe média podia sustentá-la. Outro século se passaria antes que a idéia se infiltrasse nas classes mais baixas.

Todos esses acontecimentos foram os sinais externos do surgimento de uma nova classe. Eram pessoas que falavam de modo diferente dos adultos, que passavam seus dias de modo diferente, vestiam-se de modo diferente, aprendiam de modo diferente e, no fim das contas, pensavam de modo diferente. O que tinha acontecido — a mudança estrutural subjacente — era que por meio da tipografia e sua serva, a escola, os adultos adquiriram um controle sem precedentes sobre o ambiente simbólico do jovem, e estavam, portanto, aptos e convidados a estabelecer as condições pelas quais uma criança iria se tornar um adulto.

Ao dizer isto não quero insinuar que os adultos tivessem sempre consciência do que faziam ou da razão por que o faziam. Em larga medida os acontecimentos foram ditados pela natureza dos livros e das escolas. Por exemplo, ao escrever livros escolares senados e organizar classes escolares de acordo com a idade cronológica, os professores inventaram, por assim dizer, os estágios da infância. Nessas noções do que uma criança pode aprender ou deve aprender, e em que idade, foram em grande parte derivadas do conceito de currículo seriado; isto é, do conceito de pré-requisito.

"Desde o século dezesséis," observa Elizabeth Eisenstein, "o porção de entrada para a aprendizagem através dos livros, para todas as crianças do Ocidente, tem sido memorizar uma seqüência fixa de letras isoladas representadas por símbolos e sons inexpressivos."²⁵ A professora Eisenstein está descrevendo aqui o primeiro passo na direção da vida adulta — o domínio sobre o

59

da vergonha. Pelos nossos padrões não parece exatamente assim, uma vez que Erasmo aborda assuntos que no século dezoito já eram matéria proibida em livros para crianças. Por exemplo, ele descreve um encontro hipotético entre um jovem e uma prostituta, durante o qual o jovem resiste às propostas da prostituta e, ao invés de ceder, mostra a ela o caminho da virtude. Erasmo também descreve um rapaz cortejando uma garota, assim como uma mulher queixando-se do comportamento insatisfatório do marido. O livro ensina aos jovens, em outras palavras, como encarar o problema do sexo. Com o risco de prejudicar para sempre sua reputação, podia-se dizer que Erasmo foi a Judy Blume de sua época. Mas ao contrário desta moderna e popular autora de livros sobre sexualidade infantil, a intenção de Erasmo não era reduzir o sentimento de vergonha, mas aumentá-lo. Erasmo sabia, como sabia John Locke mais tarde, e Freud muito depois, que mesmo quando despid^o de suas conotações teológicas, a vergonha é um elemento essencial no processo civilizatório. É o preço que pagamos por nossas vitórias sobre nossa natureza. O livro e o mundo da aprendizagem livresca representaram um triunfo quase absoluto sobre a nossa natureza animal; as exigências de uma sociedade instruída tornaram necessário um sentimento de vergonha altamente apurado. Vou-me alongar no assunto só um pouco mais para dizer que a tipografia – ao separar a mensagem do mensageiro, ao criar um mundo abstrato de pensamento, ao exigir que o corpo se subordinasse à mente, ao enfatizar as virtudes da contemplação – intensificou a crença na dualidade de mente e corpo que, por sua vez, encorajava um desprezo pelo corpo. A tipografia nos deu a mente desencarnada, mas nos deixou com o problema de como controlar o resto de nós. ~~A vergonha foi o mecanismo pelo qual~~ esse controle seria exercido.

No final do século dezesseis existia uma teologia do livro, um novo e crescente sistema comercial baseado na tipografia e um novo conceito da família organizada em torno da escolarização. Tomados em conjunto, promoveram impetuosamente a idéia de refreamento em todos os assuntos e a necessidade de

fazer distinções claras entre comportamento privado e público. “Gradualmente”, escreve Norbert Elias, “uma [forte] associação de sexualidade com vergonha e embaraço e um correspondente refreamento de conduta, se propaga quase uniformemente por toda a sociedade. E somente quando cresce a distância entre crianças e adultos é que o ‘esclarecimento sexual’ se torna um ‘problema sério.’”²⁸ Elias diz aqui que quando o conceito de infância se desenvolveu, a sociedade começou a colecionar um rico acervo de segredos a serem ocultados dos jovens: segredos sobre relações sexuais, mas também sobre dinheiro, sobre violência, sobre doença, sobre morte, sobre relações sociais. Surgiram até linguagens secretas – isto é, um repertório de palavras que não podiam ser ditas na presença de crianças.

Há uma ironia peculiar nisto já que, por um lado, a emergência da cultura do livro quebrou “monopólios de conhecimento”, para usar aqui uma frase de Innis. Deixou disponíveis segredos teológicos, políticos e acadêmicos para um vasto público que, antes, não tinha acesso a eles. Mas, por outro lado, ao restringir as crianças ao conhecimento livresco, ao sujeitá-las à psicologia do erudito livresco e à supervisão de professores e pais, a tipografia fechou o mundo dos assuntos cotidianos com os quais os jovens estiveram tão familiarizados na Idade Média. Finalmente, o conhecimento desses segredos culturais passou a ser uma das características distintivas da idade adulta, de forma que, até recentemente, uma das diferenças importantes entre a criança e o adulto residia no fato de os adultos estarem de posse de informação que não era considerada adequada às crianças. À medida que as crianças avançavam para a idade adulta nós lhes revelávamos esses segredos por etapas, culminando no “esclarecimento sexual”.

Esta é a razão por que, no fim do século dezesseis, os professores já se recusavam a permitir que as crianças tivessem acesso a “livros indecentes” e puniam aquelas que usassem linguagem obscena. Além disso, desaprovavam os jogos de azar, que na Idade Média tinham sido um passatempo favorito dos jovens.²⁹ E como já não se admitia que as crianças conhecessem os segre-